

Ana Maria Tavares

Educação

Dislexia: as crianças não aprendem a ler

A Associação Brasileira de Dislexia (ABD), entidade criada há pouco mais de três anos, apresentou recentemente ao presidente da República, José Sarney, e ao ministro da Educação, Marco Maciel, um projeto de alfabetização para crianças portadoras de distúrbios de aprendizagem.

Esses distúrbios atingem cerca de 15% de crianças na maioria dos países do mundo segundo o presidente da ABD, Jorge Wilson S. Jacob, existem perto de 20 milhões de brasileiros com esse problema definido por dislexia, e que se caracteriza por uma dificuldade específica para decifrar o código da linguagem escrita e/ou falada. Por tratar-se de uma síndrome, a dislexia manifesta-se sob graus e formas diferentes, sendo geralmente notada na 1ª ou 2ª série do primeiro grau, atingindo crianças de inteligência normal ou mesmo superior.

A principal característica da dislexia é a dificuldade de simbolizar, decodificar os signos que compõem a língua falada ou escrita. Essa incapacidade aparece sob formas variadas. Algumas crianças apresentam caligrafia ilegível, fala demorada ou inadequada, inversão de letras (escrever, por exemplo, perto em vez de preto etc). Falta de pequenas palavras em meio às sentenças, dificuldade em escrever sob ditado, em acompanhar matérias apresentadas oralmente, tomar notas com exatidão, ler textos ou responder perguntas por escrito nos exames.

Outras não conseguem seguir instruções muito longas (como levar determinado material no dia certo), apresentam problemas com noções de lateralidade (distinguir direita de esquerda), daí a confusão na hora da leitura, pois não sabem se devem começar a ler da direita para a esquerda ou vice-versa.

Todos esses sintomas, caso não sejam diagnosticados corretamente, podem levar os pais a se frustrar com o desempenho dos filhos, que mesmo tendo inteligência normal não acompanham o ritmo dos colegas. Nesse caso, o

aluno passa a ser tachado de preguiçoso ou desatento, o que leva ao desinteresse pelos estudos ou a atitudes anti-sociais, por medo ou vergonha de que suas limitações sejam conhecidas.

Foi para ajudar a compreender essas crianças e incentivar pesquisas sobre o assunto que a ABD se dispôs a adaptar e desenvolver um método de alfabetização adequado às dificuldades dos disléticos. Tomando por base o método Orton-Gillingham, norte-americano, procurou moldá-lo à nossa língua e realidade social. Em vez de utilizar apenas a audição e a visão (procedimento adotado na alfabetização comum), o método utiliza a técnica multi-sensorial, em que o tato e o movimento são adicionados, facilitando bastante a apreensão dessas noções já descritas, tão comuns às pessoas que não possuem o problema.

Quanto às causas da dislexia, ainda não estão claramente determinadas, podendo ser decorrentes de disfunções cerebrais congênitas ou adquiridas. As consequências para as crianças disléticas cujos pais ou professores não têm noção do problema, podem acarretar sérios danos emocionais, levando à perda da auto-estima ou até mesmo reações delinquentiais ou de natureza depressiva.

Consciente desta situação, a ABD, criada por um grupo de pais e amigos de disléticos, procura incentivar pesquisas e, principalmente, alertar pais e educadores para a existência do problema evitando que alunos com bom nível intelectual, mas incapazes de utilizar corretamente os instrumentos básicos da comunicação, limitem-se a papéis secundários na sociedade. Albert Einstein, Thomas Edison e Leonardo da Vinci são alguns exemplos de gênios que sofriam de dislexia. Assim como eles, de alguma forma souberam superar suas dificuldades, muitos outros poderão manifestar-se se tiverem condições apropriadas de ensino, com professores especializados, que respeitem seus ritmos diferentes de apreensão, sem estigmatizá-los ou rotulá-los. (A.E.)